

Sociolinguística – Profa. Dra. Marília Vieira (UEG/POSLLI/Unemat)

Questões que embasaram a aula

1)



Disponível em: <<https://descomplica.com.br>>.

Acesso em: 28 set. 2017 (adaptado).

O texto exemplifica a variedade linguística

- A** diatópica (geográfica).
- B** diacrônica (de tempo).
- C** diafásica (formal/informal).
- D** diamésica (modalidade oral/escrita).
- E** diastrática (camada social/profissional).

2)

Texto para questões 76 e 77

Um médico plantonista foi afastado do trabalho após ter uma foto sua publicada numa rede social com o título Uma imagem fala mais que mil palavras. Na foto, ele mostra o receituário médico com o seguinte dizer: Não existe peleumonia e nem raôxis. Vinte minutos antes da postagem, na quarta-feira (27), o médico havia atendido um paciente de 42 anos que estudou até o segundo ano do Ensino Fundamental e não sabe como falar corretamente algumas palavras.

Seu enteado o acompanhava na consulta e revela que, assim que souberam o diagnóstico, o paciente perguntou sobre o tratamento para a “peleumonia”. A reação do médico não foi muito profissional, afirma o acompanhante. “Quando meu padraço falou pneumonia e raios X de forma errada, ele deu risada. Na hora, não desconfiamos que ele iria debochar depois na internet. O que ele fez foi absurdo. O procurei e escrevi para ele na rede social que, independente dele ser doutor, não existe faculdade para formar caráter. Assim que ele viu minha postagem, apagou a foto. Ele não quis conversar com a gente”. O enteado conta que o padraço ainda não sabe que virou assunto na internet e teme pela reação dele. Ele diz que o padraço não pôde estudar por falta de dinheiro.

VICTAL, R. **Médico debocha de paciente na internet**: “Não existe peleumonia”. Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em: 23 maio 2025 (adaptado).

QUESTÃO 77

Tendo em vista a valorização da diversidade linguística, da autonomia discente e da reflexão crítica sobre o preconceito linguístico, qual das seguintes propostas é adequada para abordar o texto?

- Ⓐ Propor aos estudantes que façam um levantamento das palavras mais utilizadas pela comunidade escolar que desviam da norma-padrão, substituindo-as por termos equivalentes, a fim de promover a conscientização dos estudantes.
- Ⓑ Solicitar aos estudantes a análise do comportamento do médico, relacionando-o à noção de preconceito linguístico, para discutirem em grupos que toda variação é legítima e que a norma-padrão é exigida em contextos específicos.
- Ⓒ Solicitar aos estudantes a produção de um texto de opinião, defendendo-se a importância da variação linguística, para argumentarem que o domínio da norma-padrão minimiza situações constrangedoras.
- Ⓓ Propor aos estudantes que identifiquem as formas linguísticas, como as do paciente, em outros textos orais e escritos, a fim de sugerirem mecanismos de substituição dessas formas.

Área livre

3)

Texto para questões 64 e 65**TEXTO 1**

A linguística recomenda que a norma culta seja ensinada nas escolas, mas que, paralelamente, se preservem os saberes sociolinguísticos e os valores culturais que o aluno já tenha aprendido antes, no seu ambiente social. Resguarda-se, assim, o direito que o educando possui à preservação de sua identidade cultural específica, seja ela rural ou urbana, popular ou elitista. A aprendizagem da norma culta deve significar uma ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno, que deverá aprender a empregar uma variedade ou outra, de acordo com as circunstâncias da situação de fala.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemos na escola, e agora?* – sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2005.

TEXTO 2

No Brasil, a variação está ligada à estratificação social e à dicotomia rural-urbano. Pode-se dizer que o principal fator de variação linguística no Brasil é a secular má distribuição de bens materiais e o consequente acesso restrito da população pobre aos bens da cultura dominante. Diferentemente de outros países, como os Estados Unidos, por exemplo, a variação linguística não é um índice sociossimbólico de etnicidade, exceto nas comunidades bilíngues, sejam as de colonização europeia ou asiática, sejam as das nações indígenas.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemos na escola, e agora?* – sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2005.

QUESTÃO 65

Durante a avaliação de um texto argumentativo de um estudante do 9º ano, identificou-se o uso de construções como “os menino tudo foram” e “nóis pega o caderno”. Considerando os textos 1 e 2, qual deve ser o foco principal da avaliação docente?

- Ⓐ Aplicar exercícios de correção gramatical para que o estudante aprenda a norma culta e evite repetir os mesmos erros em suas produções.
- Ⓑ Pedir a reescrita do texto, além de possibilitar ao estudante a utilização da norma-padrão em suas produções textuais escritas e orais.
- Ⓒ Identificar usos variáveis associados a gêneros textuais, além de possibilitar ao estudante a compreensão dos efeitos da desigualdade no acesso aos bens culturais.
- Ⓓ Solicitar uma apresentação oral sem correções para que o estudante não se sinta desrespeitado quanto à forma de falar da sua comunidade.

Área livre

4)

TEXTO 1

A concepção de linguagem e de gramática que agora consideramos tem bases fortemente humanistas: todo homem, sejam quais forem suas condições, nasce dotado de uma faculdade da linguagem como parte de sua própria capacidade e dignidade humanas. Mesmo que restem muitos pontos obscuros quanto à natureza e à extensão dessa faculdade, isso significa que, sem distinção, todas as crianças desenvolvem uma gramática interna.

Fica excluída, assim, toda valoração de uma língua ou modalidade de língua em relação a outra e qualquer forma de discriminação preconceituosa da modalidade popular.

Não faz sentido contrapor uma linguagem erudita a uma linguagem vulgar, nem tentar substituir uma pela outra. Trata-se de levar a criança a dominar uma outra linguagem, por razões culturais, sociais e políticas bastante justificáveis.

FRANCHI, C. **Mas o que é mesmo gramática?**.
São Paulo: Parábola, 2006 (adaptado).

TEXTO 2

Franchi (2006) apresenta a seguinte reflexão de uma professora acerca de uma redação contendo desvios normativos: “esse aluno escreve como fala. E isso a gente pode ver na grafia e nos erros de concordância. Eu não aceito essa onda de que não tem mais certo e errado. A redação fica horrível nessa linguagem vulgar. Há regras e normas para tudo e as crianças têm que aprender a escrever de acordo com o que foi estabelecido pelos bons escritores e pelos que conhecem a língua. O aluno tem direito de conhecer as belezas da sua própria língua.”

Com base no texto 1, qual conduta docente se alinha a uma perspectiva crítica e científica para trabalhar produções textuais com usos que se distanciam da norma-padrão?

- A** Estimular a reescrita dos textos conforme a norma-padrão, explicando aos estudantes que, embora os desvios revelem características da oralidade e do contexto social, a escrita formal requer adequações específicas.
- B** Identificar explicitamente os desvios encontrados nas produções dos estudantes, explicando que o contato frequente com a norma-padrão permite abandonar formas linguísticas populares e internalizar formas padronizadas.
- C** Elaborar atividades que contrastem a norma-padrão com as formas utilizadas nas redações, explicando aos estudantes que há um uso correto da língua a ser adotado em contextos de interação.
- D** Analisar com os estudantes os modos de uso da língua presentes em seus textos, explicando possíveis variações e observando como diferentes aspectos do contexto social, histórico e escolar podem estar relacionados ao uso da norma-padrão.

5)

Considerando os textos 1 e 2, conclui-se que a concepção de ensino de gramática adotada pela professora revela uma

- A** perspectiva prescritiva sobre a língua, segundo a qual apenas formas linguísticas alinhadas ao padrão culto são aceitas como legítimas no ambiente escolar.
- B** valorização da multiplicidade de registros linguísticos, segundo a qual se reconhece que as formas não padrão também integram a competência comunicativa do falante.
- C** perspectiva funcional sobre a língua, segundo a qual há uma orientação para as práticas comunicativas contextualizadas e para a relação entre forma e sentido no uso social da língua.
- D** valorização dos processos de escrita, segundo a qual se consideram os desvios gramaticais como etapas esperadas na internalização das regras da norma-padrão.

6)

A instituição escolar tem sido há séculos a principal agência de manutenção e difusão do preconceito linguístico e de outras formas de discriminação. Uma formação docente adequada, com base nos avanços das ciências da linguagem e com vistas à criação de uma sociedade democrática e igualitária, é um passo importante na crítica e na desconstrução desse círculo vicioso.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores. Glossário Ceale. Disponível em: ceale.fae.ufmg.br. Acesso em: 2 maio 2024.

Uma professora de Língua Portuguesa, ao avaliar um texto produzido por um aluno da 1ª série do Ensino Médio, assinalou quatro sentenças. Na primeira, havia sido usado o verbo “ter” como sinônimo de “existir”. Na segunda, a forma infinitiva “considerar” havia sido escrita como “considerá”, ou seja, sem o “r” e com vogal final acentuada graficamente. Na terceira, constava a forma “barrer”, em vez de “varrer”. Na quarta, constava a expressão “dar um jeito na corrupção”.

Considerando-se a perspectiva apresentada por Bagno, a fim de promover a autonomia e a valorização discente e os conhecimentos sobre variação e mudança linguísticas, é adequado nessa situação a professora

- A** sugerir ao aluno que use a palavra “varrer” em vez de “barrer”, pois esta forma é própria de pessoas de idade e, como as mudanças linguísticas são dinâmicas, deve-se evitar empregar formas antigas de se falar.
- B** recomendar ao aluno que tenha cuidado ao pronunciar verbos no infinitivo, explicando-lhe que desvios de escrita advêm de erros da fala e que a escrita correta de vocábulos depende de uma pronúncia adequada.
- C** destacar que o uso do verbo “ter” como sinônimo de “existir” demonstra que o aluno não tem o hábito de se expressar bem em seu dia a dia e que o certo é empregar o verbo “haver”, usado por pessoas cultas.
- D** explicar que a expressão “dar um jeito em” é legítima para uso em contextos informais, mas que, em um texto formal, falado ou escrito, é recomendável substituí-la por palavras como “solucionar”, “combater” ou “inibir”.

7)

Manos e Minas

Eu quero os manos, os manos, os manos, os manos, as minas, as minas, as minas, as minas levante as mãos e é só curtir, guerreiros e guerreiras curtem hip-hop, rap som do gueto firmo então pode vir. (x2)

É o som do gueto (hu, hu)/ Pode vir (hu, hu)/ Hip-hop (hu, hu)

Canto firme, sou black charme o rap, os mano e as mina que firmo (hey, hey)

Tô chegando na balada pra sentir, o clima é de festa, ver as mina olha sorrir, e os mano ver as minas aquele jeito pra curtir enfim o rap reina nas balada black black e black black.

NOVAMENTS. **Manos e Minas**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/novaments/>.

Acesso em: 7 maio 2024.

Em uma aula cujo objetivo era combater o preconceito linguístico, uma professora da 2ª série do Ensino Médio apresentou aos seus alunos o *rap* intitulado *Manos e Minas*, apresentado acima. Por meio da canção, a docente ofereceu aos estudantes a possibilidade de discutirem sobre o “pretoguês”, termo criado pela professora e antropóloga Lélia Gonzalez, que o define como marca de africanização do português falado no Brasil.

Considerando essa situação, assinale a opção que apresenta uma ação pedagógica adequada à reflexão sociolinguística, no âmbito do combate ao racismo linguístico, conforme pretendido pela professora ao trabalhar essa canção.

- A** Realizar, com a turma, um debate sobre os possíveis motivos que sustentam o comportamento linguístico dos cantores de *rap* e refletir sobre como esse comportamento prejudica a proficiência de fala e escrita dos ouvintes desse tipo de canção.
 - B** Propor aos estudantes que pesquisem outras músicas do mesmo estilo da que foi trabalhada em sala de aula, a fim de que seja confirmado que os erros linguísticos são comuns em toda produção de *rap*, caracterizando-se como uma marca dessa vertente musical.
 - C** Solicitar aos alunos que reescrevam a música corrigindo desvios de escrita, a exemplo daqueles referentes à concordância de número em sintagmas nominais, como em “os mano”, “as mina”, “nas balada”, de modo a oferecer à letra um padrão linguístico mais privilegiado socialmente.
 - D** Desenvolver uma proposta de produção de textos com os alunos, a fim de que, em observação ao estilo textual e rítmico do *rap* estudado, sejam construídos outros exemplares desse tipo de música e apresentados em sala de aula, com o objetivo de validar a circulação social dessa manifestação linguística.
-

8)

TEXTO I

Xaxado é neto de um famoso cangaceiro que vivia com o bando de Lampião. Sensível, alegre e sempre atento às belezas e aos problemas da vida no campo, Xaxado é como um sol ao redor do qual circulam todas as outras personagens e histórias da turma.

Zé Pequeno tem fama de ser um menino preguiçoso, que passa o dia inteiro dormindo, mas isso não é verdade. Quem conhece Zé sabe que ele também fica pescando, ouvindo música, namorando, inventando desculpa pra não ir pra aula, tomando banho no rio, subindo em árvore, passeando de jumento, fugindo do trabalho...

Disponível em: <http://turmadoxaxado.blogspot.com/2008/12/conhea-turma-do-xaxado.html>. Acesso em: 22 maio 2020 (adaptado).

TEXTO II



Disponível em: http://fw.atarde.uol.com.br/2014/09/tirinha-antonio-cedraz-turma-do-xaxado_1446745.jpg. Acesso em: 22 mai. 2020 (adaptado).

Considerando os processos de variação linguística e a relação entre as diferentes formas de uso da linguagem e seu significado social, é correto afirmar que tanto a forma variante “divia” quanto a forma “pêxe”

- A** exemplificam o mesmo fenômeno variável, a síncope, e em ambos apenas o nível fonético é afetado pela variação em relação à norma culta da Língua Portuguesa.
- B** ajudam a caracterizar Zé Pequeno como membro de uma comunidade de fala mais próxima do polo rural do contínuo rural-urbano, mas não são fenômenos restritos a este polo e, portanto, não podem ser considerados estereótipos dos falares rurais.
- C** representam formas variantes altamente estigmatizadas no português urbano culto, tanto no meio oral quanto no meio escrito, e que são quase exclusivas do polo rural do contínuo rural-urbano.
- D** ilustram erros de ortografia associados aos maus hábitos de pronúncia que devem ser corrigidos nas escolas.
- E** caracterizam, respectivamente, os falares de grupos com baixo poder aquisitivo e de grupos mais próximos ao polo rural do contínuo rural-urbano.

9)

- Que falta fazem aqueles dois troca-línguas. Não pensei que fosse sentir tanto.
- Deveras? Isso mostra que tinham prestantça.
- Exato. Mas saírem assim. De sopetão, como negros fugidos.
- Ficaram devendo? Carregaram petrechos alheios?
- Que eu saiba, não.
- Então qual é a queixa? O mundo é grande e formoso, e a vida da gente é curta. Quem finca os pés num lugar e não arreda mais, acaba virando estaca. O senhor não acha?
- Eu? Não acho nem desacho, pesar de ter zanzado muito eu mesmo. – Ele pensou, olhando para dentro do forno do cachimbo, parece que procurando inspiração para nova investida. E voltou à carga. – Então a senhora não sente a falta deles.
- Olha, seu Joaquim. Falta de alguém eu já senti muito, porém foi de minha mãe. Mas faz tanto tempo que perdi ela, que já me acostumei. Hoje em dia só sinto falta é de um fuminho cheiroso quando não tenho, de um pedaço de toicinho pra temperar um feijão, de um punhadinho de açúcar pra temperar um café, essas coisas miúdas que a gente aprende a apreciar e cujas aprende também a abrir mão quando vasqueiam. Agora me diga uma coisa, seu Joaquim. Em que parte a falta daqueles dois está fazendo pisadura no senhor?
- Em parte nenhuma, ora essa. É que a gente já tinha se acostumado com eles, e achei esquisito eles terem ido embora sem dizer até-um-dia.

VEIGA, J. J. **A casca da serpente**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 128.

Considerando a linguagem singular representada na fala dos personagens do texto e característica da variedade regional do português do Sertão do Nordeste, avalie as afirmações a seguir.

- I. *Prestança*, no segundo parágrafo, e *fazendo pisadura*, no oitavo parágrafo, são ocorrências de léxico característico da variedade regional empregada pelos personagens desse texto.
- II. A construção sintática *perdi ela*, no oitavo parágrafo, em que o pronome *ela* exerce função de objeto direto, é marca específica dessa variedade diatópica.
- III. A aférese, metaplasmo que provocou a queda do fonema inicial da locução conjuntiva “apesar de” (*pesar de*), no sétimo parágrafo, é um processo fonológico sistemático na fala dos sertanejos.
- IV. O emprego do pronome *cujas*, no oitavo parágrafo, é um exemplo de uso, pela personagem, da norma padrão da língua.

É correto apenas o que se afirma em

- A** I.
- B** IV.
- C** I e III.
- D** II e III.
- E** II e IV.

A luz da nossa língua

O incêndio que atingiu o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, não provocou piores danos – excetuando a perda, sempre irreparável, de uma vida humana – pela simples razão de aquilo que nele se mostrava ser resistente ao fogo. A língua portuguesa é patrimônio imaterial. Não há incêndio capaz de a devorar, a não ser o da ignorância.

Compreender como se formou e afirmou a língua que falamos, conhecer as diferentes variantes do português, ajuda-nos a perceber melhor a história do mundo e – acredito – pode tornar-nos um pouco mais abertos ao outro. O pensamento xenófobo e racista que volta e meia aflora, como uma doença repugnante, em certas franjas das sociedades brasileira e portuguesa, é, em larga medida, uma expressão da ignorância da história da língua que nos deu origem.

Acredito que existe hoje um maior conhecimento mútuo das diferentes variantes da língua portuguesa, desde logo porque as novas tecnologias tendem a derrubar fronteiras. Persiste, mesmo assim, muita ignorância. Recordo certa ocasião, há alguns anos, quando, em viagem pelo interior de Pernambuco, parei junto a um pequeno bar para pedir informações. O rapaz que me recebeu não compreendeu o meu sotaque. Repeti a mesma questão uma e outra vez, sem qualquer sucesso. Tentei de novo, mas dessa vez com o meu melhor sotaque pernambucano. O rosto do rapaz iluminou-se: “Moço, se você fala português, por que estava falando comigo em estrangeiro?”.

Numa outra ocasião, no Rio, um taxista, estranhando o meu sotaque, quis saber de onde eu vinha. “Angola?! E em que estado fica isso?” Quando lhe expliquei que Angola é um país, na costa ocidental de África, fez questão de me parabenizar pela qualidade do meu português. Disse-lhe que em Angola também falamos português: “Jura?!” — retorquiu. — “Pensei que só no Brasil se falasse português”.

Se nós criamos as línguas, as línguas também nos criam a nós. Não é a mesma coisa crescer falando português, tupi ou swahili. Um dos meus sobrinhos, Samuel, nasceu e cresceu em Luxemburgo, filho de pai luxemburguês. Aprendeu a falar português com a mãe e luxemburguês e alemão com o pai. Como os pais falavam um com o outro em francês, domina também essa língua desde o berço. Sempre que muda do português para o alemão, e deste para o francês ou o luxemburguês, há alguma coisa em Samuel, um sutil aspeto da personalidade, que parece se alterar também. É como se coexistissem dentro dele várias pessoas, cada uma se exprimindo num idioma diferente.

Em Cabo Verde, o bilinguismo é uma situação vulgar. As pessoas falam naturalmente duas línguas maternas, o português e o crioulo. Fascina-me a forma como os cabo-verdianos cultos trocam de língua, enquanto conversam, dependendo do tema e do interlocutor. Ao mudarem do crioulo para o português, verifica-se também uma ligeira mudança de personalidade. Um cabo-verdiano ao falar português torna-se um tudo nada mais formal. Não por acaso, a esmagadora maioria da riquíssima música cabo-verdiana usa o crioulo, ao passo que a língua portuguesa reina quase isolada na literatura.

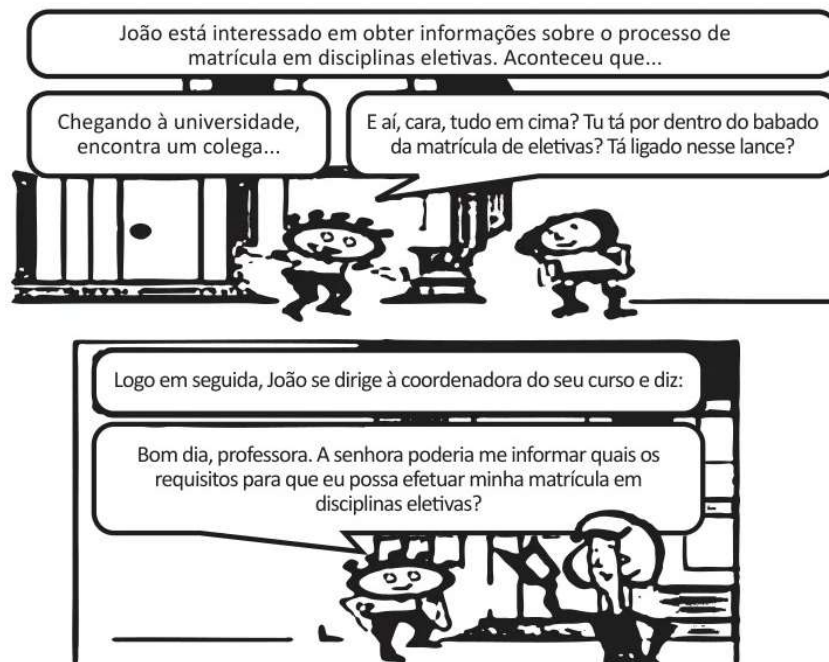
AGUALUSA, J. E. A luz da nossa língua. In: *O Globo*, 28 dez. 2015 (adaptado).

Das passagens a seguir, retiradas do texto aquela cujo conteúdo é apropriado para exemplificar a definição de língua como forma (“lugar”) de interação é

- A** “A língua portuguesa é patrimônio imaterial. Não há incêndio capaz de a devorar, a não ser o da ignorância.” (1º parágrafo)
- B** “...conhecer as diferentes variantes do português [...] – acredito – pode tornar-nos um pouco mais abertos ao outro.” (2º parágrafo)
- C** “O pensamento xenófobo e racista que volta e meia aflora (...) é, em larga medida, uma expressão da ignorância da história da língua que nos deu origem.” (2º parágrafo)
- D** “Se nós criamos as línguas, as línguas também nos criam.” (5º parágrafo)
- E** “Em Cabo Verde, o bilinguismo é uma situação vulgar.” (6º parágrafo)

Questões complementares

1)



Disponível em: <http://letrasmarques2013.blogspot.com/>. Acesso em: 18 maio 2020.

Considerando a linguagem utilizada pelo personagem João nas duas situações comunicativas, avalie as asserções a seguir e a relação proposta entre elas.

- I. A língua é um organismo vivo e, dentro de um mesmo sistema, apresenta-se com diferenciações como a variação no nível diafásico.

PORQUE

- II. O contexto comunicativo determina a escolha do registro linguístico a ser utilizado pelo falante.

A respeito dessas asserções, assinale a opção correta.

- A** As asserções I e II são verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
- B** As asserções I e II são verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- C** A asserção I é uma proposição verdadeira e a II é uma proposição falsa.
- D** A asserção I é uma proposição falsa e a II é uma proposição verdadeira.
- E** As asserções I e II são falsas.

2)

TEXTO 1



Pechada

[...] — Aí, Gaúcho! — Fala, Gaúcho! Perguntaram para a professora por que o Gaúcho falava diferente. A professora explicou que cada região tinha seu idioma, mas que as diferenças não eram tão grandes assim. Afinal, todos falavam português. Variava a pronúncia, mas a língua era uma só. E os alunos não achavam formidável que num país do tamanho do Brasil todos falassem a mesma língua, só com pequenas variações? [...] O Jorge fez cara de quem não se entregara. Um dia o Gaúcho chegou tarde na aula e explicou para a professora o que acontecera. — O pai atravessou a sinaleira e pechou. — O quê?

— O pai. Atravessou a sinaleira e pechou. [...]

— Gaúcho... Quer dizer, Rodrigo: explique para a classe o que aconteceu.

— Nós vinha...

— Nós vínhamos.

— Nós vínhamos de auto, o pai não viu a sinaleira fechada, passou no vermelho e deu uma pechada noutro auto.

A professora varreu a classe com seu sorriso. Estava claro o que acontecera? Ao mesmo tempo, procurava uma tradução para o relato do gaúcho. Não podia admitir que não o entendera. Não com o Jorge rindo daquele jeito. “Sinaleira”, obviamente, era sinal, semáforo. “Auto” era automóvel, carro. Mas “pechar” o que era? Bater, claro. Mas de onde viera aquela estranha palavra? Só muitos dias depois a professora descobriu que “pechar” vinha do espanhol e queria dizer bater com o peito, e até lá teve que se esforçar para convencer o Jorge de que era mesmo brasileiro o que falava o novato. Que já ganhara outro apelido: Pechada.

— Aí, Pechada! — Fala, Pechada!

3)

Considerando a linguagem utilizada no texto **Restos**, avalie as asserções a seguir e a relação proposta entre elas.

- I. A utilização do pronome oblíquo átono antes do verbo (próclise) no trecho “Me deu até tontura” é característica do português brasileiro, mas não abonada, para a língua escrita, pela gramática normativa.

PORQUE

- II. As regras normatizadas de colocação pronominal não correspondem às tendências fonológicas do português brasileiro.

A respeito dessas asserções, assinale a opção correta.

- A** As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
- B** As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- C** A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- D** A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- E** As asserções I e II são proposições falsas.

4)

Atendente: Vou passar seu pedido ao gerente. Assim que ele dispuser de tempo e poder tratar do seu caso, faremos contato com o senhor.

Nessa fala,

- A** verifica-se uma regra de variação sintática.
- B** o atendente demonstra familiaridade com seu interlocutor.
- C** a alternância no uso da primeira pessoa do singular e da primeira do plural deve-se a questão de referência.
- D** ocorre paralelismo sintático, pois a segunda forma verbal subjuntiva sofre influência da anterior no que diz respeito à prescrição gramatical.
- E** constata-se adequação às exigências do estilo monitorado que o atendente adquiriu por força de suas tarefas comunicativas.

5)

Entre os objetivos do ensino de língua materna, está a ampliação da capacidade de reconhecer certos fenômenos linguísticos e de refletir a seu respeito. Na abordagem da norma padrão, que estratégia metodológica se relaciona com o objetivo de ensino referido?

- A** Comparar textos orais e textos escritos para identificar naqueles os desvios da norma padrão e nestes, o padrão normativo.
- B** Mapear os recursos de coesão para associá-los à norma padrão e aplicá-los a outros textos.
- C** Reconhecer as escolhas lexicais, a fim de relacioná-las com usos cultos da língua.
- D** Comparar as variedades linguísticas quanto à sua estrutura e à eficácia comunicativa.
- E** Identificar e corrigir, em cada texto, os usos que se distanciam da norma.

6)

funcionalidade.

Texto para as questões 22 e 23

Em relação aos estigmas lingüísticos, vários estudiosos contemporâneos julgam que a forma como olhamos o “erro” traz implicações para o ensino de língua. A esse respeito leia a seguinte passagem, adaptada da fala de uma alfabetizadora de adultos, da zona rural, publicada no texto **Lé com Lé, Cré com Cré**, da obra **O Professor Escreve sua História**, de Maria Cristina de Campos.

“Apresentei-lhes a família do ti. Ta, te, ti, to, tu.

De posse desses fragmentos, pedi-lhes que formassem palavras, combinando-os de forma a encontrar nomes de pessoas ou objetos com significação conhecida. Lá vieram Totó, Tito, tatu e, claro, em meio à grande alegria de pela primeira vez escrever algo, uma das mulheres me exibiu triunfante a palavra *teto*. Emocionei-me e aplaudi sua conquista e convidei-a a ler para todos.

Sem nenhum constrangimento, vitoriosa, anunciou em alto e bom som: “teto é aquela doença ruim que dá quando a gente tem um machucado e não cuida direito”.

QUESTÃO 23

O fenômeno sociolingüístico constituído pela passagem da proparoxítona “tétano” para a paroxítona “teto”, na variedade apresentada, é observado também no emprego de

- A “figo” em lugar de **figado**, e “arvre” em vez de **árvore**.
- B “paia” em lugar de **palha**, e “fio” em lugar de **filho**.
- C “mortandela” em lugar de **mortadela**, e “cunzinha” em vez de **cozinha**.
- D “bandeija” em lugar de **bandeja**, e “naiscer” em lugar de **nascer**.
- E “vendê” em lugar de **vender**, e “cantá” em vez de **cantar**.

QUESTÃO 24

Se todo ser humano, ao praticar alguma ação, pensa sobre ela, que dizer dos professores que, comprometidos com o sucesso de todos os alunos e alunas, procuram soluções e assumem uma postura investigativa? Praticar o ensino-pesquisa-que-procura significa superar tanto o ensino feito sem pesquisa quanto uma pesquisa feita sem ensino.

Maria Teresa Esteban e Edwiges Zaccur (Orgs.). **Professora-pesquisadora: uma prática em construção**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002 (com adaptações).

Esse fragmento expressa uma reorientação na relação pesquisa-ensino que

- A torna mais econômico o trabalho docente ao separar teoria e prática, pensar e fazer.
- B prioriza, na atividade docente, o saber teórico decorrente da pesquisa sobre o saber prático.
- C postula que, na formação do professor, as disciplinas-do-saber devem preceder as disciplinas-do-fazer.
- D permite tomar a prática como fonte de informação para a construção do conhecimento, e este como sistematizador da prática.
- E sustenta a dicotomia entre o fazer e o pensar, a qual legitima a divisão do trabalho e os processos de hierarquização do saber.

8)





'Praca cronada' Ladrão de carro derrapa no Português e é preso pela polícia por causa de uma placa clonada.

Disponível em: <<http://www.xapeco.com.br/praca-cronada/>>. Acesso em: 19 ago. esp. 2011.

O caso acima é caracterizado na língua como rotacismo, ou seja, um processo de mudança em que se emprega o /r/ em lugar de /l/ nos vocábulos. Embora seja inadequado à norma padrão da língua, esse processo é bastante frequente em variedades de menor prestígio social. Acerca desse tema, avalie as informações a seguir.

- I. As diferenças entre variedades da língua, como a exemplificada pelo rotacismo, não devem ser consideradas mero fator de preconceito linguístico; dado que este é um dos fatores que favorece a unidade linguística de uma comunidade.
- II. O rotacismo é bem aceito por todos os falantes e é empregado de forma ampla nos diversos grupos sociais, sendo uma das mudanças que se está generalizando no português brasileiro.
- III. O processo de rotacismo é decorrente de diferenças sociais recentes, que estão permitindo o surgimento de dialetos paralelos ao português padrão e utilizados por falantes em ascensão social.
- IV. O processo de rotacismo não é novo na língua e já ocorria no período de passagem do latim vulgar para o português, como no caso de /plicare/ > /pregar/.

É correto apenas o que se afirma apenas em

- A** I e II.
- B** I e IV.
- C** II e III.
- D** I, III e IV.
- E** II, III e IV.

9)

Alguns domínios discursivos foram “invadidos” por palavras do inglês que parecem resistentes à substituição por equivalentes vernaculares. Esse é o caso do vocabulário associado à Internet e à tecnologia computacional como um todo. É certo que *computer* foi absorvido como “computador”; contudo, *website* é um vocábulo que foi absorvido como “site”. Há toda uma matriz de palavras como mouse, e-mail, download, upgrade, entre outras, que foi também incorporada. Um fenômeno ainda mais curioso é a emergência de um novo conjunto de itens lexicais como “printar”, “estartar” e “deletar” (adaptações de *print*, *start* e *delete*, respectivamente), que resultou no interessante fato de que equivalentes em português já existentes ficaram aos poucos reservados a qualquer contexto que não seja o mundo da informática.

RAJAGOPALAN, K. Línguas nacionais como bandeiras patrióticas, ou a linguística que nos deixou na mão: observando mais de perto o chauvinismo linguístico emergente no Brasil. In: SILVA, F. L. da; RAJAGOPALAN, K. (org.).

A linguística que nos faz falhar: investigação crítica. São Paulo: Parábola, 2004. p. 14 (adaptado).

Com base nas informações apresentadas, quanto ao uso de léxico estrangeiro associado à tecnologia computacional e à Internet, assinale a opção correta.

- A** É esperado, em função dos processos de mudança linguística, que palavras antigas, como “apagar” e “correio eletrônico”, deixem de conviver com formas mais novas, como “deletar” e “e-mail”.
- B** É comum, nesse campo semântico, a formação de novas palavras no português brasileiro a partir de itens lexicais do inglês, como os verbos de 1ª conjugação “deletar” (de *delete*) e “estartar” (de *start*).
- C** É importante, em virtude do contato linguístico na Internet, que os linguistas proponham a criação de leis para enaltecer o português brasileiro e regularizar o uso de itens exóticos recém-incorporados, como “tiktokker” e “dorameiro”.
- D** É previsto, haja vista o movimento de valorização do português brasileiro por gramáticos diante do uso massivo de palavras estrangeiras, que os verbos “postar” e “printar” sejam substituídos pelas formas vernáculos “publicar” e “imprimir”.

10)

TEXTO 1

O Gualín do TTK, ou língua do Catete, foi criado por moradores do bairro do Catete, na zona sul do Rio de Janeiro, na década de 1960, com o intuito de driblar a repressão da ditadura militar. A fim de se comunicarem de uma forma que os militares não entendessem, os moradores mudavam a ordem das sílabas das palavras, ou seja, falavam as frases de trás para frente. Com praticantes até hoje, o Gualín do TTK é considerado a segunda língua da cidade do Rio de Janeiro.

Disponível em: <https://agenciauva.net/>. Acesso em: 11 jun. 2024 (adaptado).

TEXTO 2

Oi, tudo legal? Oi, dotú gal-lê?
Meu nome é Gabriel, meu menô é Elbrigá
Meu filho é Davi, meu lhofi é Vidá
Os nomes nessa língua, os mesnô sané gualín
são assim, são sim-a
Se cevô besá larfá sané gualín, lafá bemtâm
É de trás pra tefrén, se quiser falar também
Se você sabe falar nessa língua, fala também
è de tr's pra frente, se serquí larfá bemtâm
Oi tudo legal? Oi, dotú gal-lê?
tá tudo tranquilo, tá dotú lãoquitrân
tá tudo tranquilo, tá dotú lãoquitrân
Oi, tudo legal? Oi, dotú gal-lê?

Disponível em: <https://www.letras.com/gabriel-pensador/>.

Acesso em: 2 jun. 2024.

Ao elaborar seu plano de aula para uma turma da 3ª série do Ensino Médio, uma professora de Língua Portuguesa definiu os seguintes passos: revisão da aula anterior, em que havia abordado a variação linguística e seus desdobramentos nas comunidades; discussão sobre o fenômeno linguístico denominado Gualín do TTK, a partir da leitura do Texto 1; apresentação de um *rap* que ilustra o Gualín (Texto 2); orientações à turma para a elaboração de um texto que leve em consideração aspectos da variação linguística, a ser apresentado em um evento escolar.

Com esse planejamento, além de abordar a questão do preconceito linguístico, a proposta didático-pedagógica da professora é condizente com o objetivo de

- A** apresentar a língua como uma forma de resistência e preservação da identidade de um grupo.
- B** mostrar como os moradores do Catete se comunicavam com os militares desde 1960 até hoje.
- C** combater a variação e a mudança linguística no uso do português e do Gualín, por meio da produção de *rap*.
- D** evidenciar erros de produção linguística na língua marginal falada pelos moradores do Rio de Janeiro em 1960.